



CENTRO UNIVERSO BELO HORIZONTE
ÉTICA, INCLUSÃO E DIVERSIDADE

BÁRBARA TERENA BERNARDES FRANCO BARBOSA MARINHO

**A CRIANÇA PORTADORA DE SÍNDROME DE DOWN COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA (SD-TEA) E A ADAPTAÇÃO ESCOLAR NO
CONTEXTO DA PANDEMIA PELO CORONAVÍRUS**

BELO HORIZONTE
2021

BÁRBARA TERENA BERNARDES FRANCO BARBOSA MARINHO

**A CRIANÇA PORTADORA DE SÍNDROME DE DOWN COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA (SD-TEA) E A ADAPTAÇÃO ESCOLAR NO
CONTEXTO DA PANDEMIA PELO CORONAVÍRUS**

Projeto apresentado à Disciplina de Ética,
Diversidade e Inclusão da Universidade Salgado
de Oliveira – UNIVERSO, como parte dos
requisitos para aprovação em disciplina.

Orientadora: Professora Patrícia Peles

BELO HORIZONTE

2021

O ano de 2019 ficou marcado pelo início de uma mudança drástica ocorrida no mundo: o advento da pandemia pelo Coronavírus e o isolamento social. Essas duas situações desencadearam modificações na rotina de toda a população mundial. Com isso, houve a necessidade de desenvolver adaptações de comportamentos e nas convivências, muitas vezes, de forma abrupta e pouco funcional. Levando em consideração esse contexto, destacou-se as questões de adaptação de crianças diagnosticadas com Síndrome de Down e Transtorno do Espectro Autista no âmbito da educação.

Já há algum tempo que a questão da inclusão é discutida nos meios sociais e políticos, principalmente no que tange às crianças diagnosticadas com as duas características acima citadas. Várias foram as escolas que colocaram em sua pauta a questão da inclusão, mesmo que de forma ainda inicial. Graças a isso, muitos pais já levavam seus filhos, criando a rotina de escola: a rotina de casa, ou seja, de arrumar para ir até a escola, chegar ao local, receber lá dentro os estímulos necessários para o processo de socialização e inclusão, bem como de educação e desenvolvimento. O contexto de pandemia e isolamento social provocou um corte brusco nessa rotina e muitos pais se viram diante de um grande desafio: o ensino remoto online.

Muito se conhece a respeito da trissomia do cromossomo 21 e muitos estudos estão sendo realizados com crianças que apresentam o espectro autista. A Síndrome de Down (SD) é provocada por alterações genéticas e é caracterizada pela presença de um cromossomo extra no corpo. Portanto, indivíduos com SD possuem características físicas típicas, dificuldades de aprendizagem e insuficiência intelectual (RUSSO, c2021). Já o Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, no qual a ascendência pode estar relacionada, especialmente, a fatores genéticos e, por isso, considerado um transtorno de espectro. Tem como características o desenvolvimento singular, déficits na comunicação e relacionamento social, manifestações comportamentais e esses de forma repetitiva e estereotipada, apresentando em alguns casos a falta de interesse por algumas atividades ou se restringindo a outras. (Portal Ministério da Saúde, [s.d.]

Apesar desses conhecimentos a respeito dessas deficiências de forma isolada, existem poucos estudos de crianças que apresentam os dois diagnósticos em conjunto, ou seja, a Síndrome de Down com Transtorno do Espectro Autista (SD-

TEA). De acordo com o grupo Movimento Down, acredita-se que 18% a 39% dos indivíduos com Síndrome de Down apresentem, também, o espectro autista. Sabe-se que, separadamente, ambas são deficiências complexas, todavia, quando unificadas, passam a ser ainda mais desafiantes.

De acordo com o site Diário da Inclusão Social, com texto adaptado do original “Down Syndrome and Autistic Spectrum Disorder: A Look at What We Know”, de George T. Capone ([s.d.]), pelas autoras Dall’agnol, Cazassus e Lima (2017)., apesar de haver vários obstáculos para o diagnóstico da SD-TEA, é possível observar algumas características comuns nessas crianças, por exemplo, respostas incomuns a sensações (sons, luzes, toque e dor), recusa de alimentos, brincadeiras incomuns com brinquedos ou outros objetos, dificuldades em aceitar mudanças na rotina, pouca ou nenhuma comunicação, comportamentos prejudiciais (agressões a si mesmo ou aos outros e excessos de “birra”), hiperatividade, falta de atenção e impulsividade, problemas de sono e, por fim, histórico de agressão no desenvolvimento (principalmente na linguagem e em habilidades sociais).

É notável a importância da rotina no desenvolvimento das crianças que apresentam SD-TEA. Uma profissional da área da psicologia da educação, chamada aqui de D., deu o depoimento do acompanhamento realizado, desde antes da paralização, durante a paralização e após o retorno das aulas (gradual e misto, não total), de uma criança de 10 anos diagnosticada com SD-TEA. Em seu depoimento, os prejuízos, tanto para os pais, quanto para o acompanhamento e desenvolvimento da criança, ficam bem visíveis. Em sala de aula, a criança possuía um monitor à disposição para momentos de dificuldade de entendimento ou de comportamento junto aos colegas. Havia o hábito da rotina para preparação de ir à escola e para a convivência junto dos colegas. Após a paralização absoluta das escolas, a criança perdeu o referencial de datas, horários e dias da semana, já que as aulas ainda não haviam retornado nem remotamente. Diante desse isolamento, houve, igualmente, um isolamento por parte da criança até mesmo em relação aos pais, avós e à profissional. D afirmou: “O que estava em desenvolvimento para além do desenvolvimento educacional, era o social e isso se perdeu quando a escola fechou”. A criança não interagiu tanto quanto antes, os picos de crises se tornaram mais frequentes e a agressividade, antes mais abrandada, retomou com maior intensidade. Com isso, os pais se confidenciaram à profissional mais angustiados e

temerosos com o futuro da criança, admitindo falta de tempo e paciência para preencher o que era necessário no momento.

Após o retorno escolar remoto (online), D passou a acompanhar as aulas e auxiliar nas tarefas deixadas pela escola que, segundo a profissional, dobraram de quantidade e de dificuldade. Não foi levado em consideração a dificuldade da criança em momento algum pela escola. Durante as aulas, não havia monitor disponível, nem uma atenção diferenciada voltada para as crianças em “inclusão”. A psicóloga contou que a criança não fixava a atenção na tela, não desenvolvia comunicação pelo microfone e, inúmeras vezes, pedia para desligar a câmera, saindo de perto do computador. A parte de socialização escolar foi totalmente extraída da vida da criança. As atividades foram feitas em conjunto com os pais, porém, ficou perceptível a diferença de tempo de desenvolvimento cognitivo e de avanço para a criança. O que já havia sido adquirido, teve que ser repassado, revisto, com frequência, durante as semanas, incluindo os assuntos novos. D afirmou que “era impossível acompanhar a turma no mesmo assunto, no mesmo tempo. Enquanto as crianças já começaram a aprender a somar centenas, ainda passava a matéria de soma com unidades”.

Após o abrandamento das questões de isolamento social e da disputa política pelo retorno às aulas, a escola decidiu retomar suas atividades de forma mista. As crianças iriam à escola em alguns dias da semana, com a turma dividida pela metade. Metade dos alunos iam em dias escolhidos, enquanto a outra metade assistia a transmissão ao vivo da aula. Diante desse retorno, houve a dificuldade de retomar a rotina escolar, explicando que ela somente seria cumprida em alguns dias da semana. A agressividade continuou cada vez mais intensa, chegando a precisar convocar os pais na escola pela falta de adaptação. D conta que não havia o monitor na escola para o acompanhamento e que isso era feito pela professora mesmo. “De verdade? Não notei diferença do retorno às aulas de maneira mista com o formato remoto, no que diz respeito à criança”, disse. “Seria preciso modificar o olhar e, até mesmo, chamar os pais para entender quais foram as demandas mais aparentes”, continuou.

Badin, Pedersetti e Silva (2020), no livro *Desafios da Educação em Tempos de Pandemia*, afirmam que

A paralisação abrupta de todas as atividades em decorrência do distanciamento social exigiu que a tomada de decisões fosse rápida e, ao mesmo tempo, cautelosa e coerente. [...] Nesse contexto, a educação aparece como um dos aspectos bastante afetados por essa pandemia, pois teve que pôr à prova alguns de seus paradigmas mais preciosos. Em se tratando de educação básica é preciso considerar que a base para o desenvolvimento do trabalho 125 Desafios da Educação em Tempos de Pandemia nessa etapa é a interação, o olhar, a proximidade, o toque e todos esses aspectos precisam ser reinventados, dada a impossibilidade de aproximação exigida para o controle da pandemia. (p.124)

O depoimento dessa profissional, em concordância com as informações a respeito do diagnóstico de SD-TEA, proporcionou grande reflexão a respeito da preparação das escolas no que diz respeito à inclusão de crianças com qualquer tipo de deficiência, das consequências atuais e futuras que deveriam ser abordadas diante da paralisação do ensino escolar, da importância da figura da escola para o desenvolvimento social (para além do cognitivo e educacional), da relação entre escola e pais, da educação que os pais devem dispensar aos filhos (em termos de tempo, atenção e, até mesmo, auxílio) e, por fim, de como um despreparo na saúde pública pôde prejudicar, de forma tão intensa, outros setores que são de grande importância para o indivíduo e que, normalmente, encontra-se esquecido em suas dificuldades e problemas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Lídia. Pandemia impacta vida de pessoas com autismo e evidencia necessidade de apoio do Estado. **Senado Notícias**, 31 de mar de 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/31/pandemia-impacta-vida-de-pessoas-com-autismo-e-evidencia-necessidade-de-apoio-do-estado>>. Acesso em: 3 de nov de 2021.

AUTISMO e Síndrome de Down. **Movimento Down**, 2018. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2018/04/autismo-e-sindrome-de-down/>>. Acesso em 25 de out de 2021.

AUTISMO em crianças com Síndrome de Down: uma realidade cada vez mais presente. **Priorit**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.institutopriorit.com.br/autismo-em-criancas-com-sindrome-de-down-uma-realidade-cada-vez-mais-presente/>>. Acesso em: 30 de out de 2021.

BADIN, Ana Maria A.; PERSETTI, Simone; SILVA, Melissa B. da. Educação Básica em Tempos de Pandemia: tentativas para minimizar o impacto do distanciamento e manter o vínculo entre os alunos, as famílias e a escola. *In*: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Janerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da Educação em Tempos de Pandemia**. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2020, 324 p. Disponível em: <<https://www.sed.sc.gov.br/documentos/ensino-89/8839-livro-desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 25 de out de 2021.

DALL'AGNOL, Talita C.; CAZASSUS, Luciene; LIMA, Maria de Lourdes. Duplo diagnóstico Síndrome de Down e Autismo: o que é preciso saber. **Diário da Inclusão Social**, 2017. Disponível em: <<https://diariodainclusaosocial.com/2017/11/22/duplo-diagnostico-sindrome-de-down-e-autismo-o-que-e-preciso-saber/>>. Acesso em: 30 de out de 2021.

DEFINIÇÃO do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Criança. **Ministério da Saúde**, [s.d.]. Disponível em: <<https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro->

